



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**ALISSON CLEBIO DE ARAUJO PEREIRA**

**RECEITAS CULINÁRIAS: VOZ E LETRA NOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA E  
DA TRADIÇÃO ORAL**

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2019**

**ALISSON CLEBIO DE ARAUJO PEREIRA**

**RECEITAS CULINÁRIAS: VOZ E LETRA NOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA E  
DA TRADIÇÃO ORAL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – DLH –, do Centro de Ciências Humanas e Agrárias – CCHA, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras/Português, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

Orientador: Prof. Dr. Rafael José de Melo.

**CATOLÉ DO ROCHA - PB**

**2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436r Pereira, Alisson Clebio de Araujo.  
Receitas culinárias: voz e letra nos espaços da memória e da tradição oral [manuscrito] / Alisson Clebio de Araujo Pereira. - 2019.  
33 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Rafael José de Melo, Coordenação do Curso de Letras - CCHA."  
1. Receita culinária. 2. Memória. 3. Oralidade. 4. Voz. 5. Letra. I. Título

21. ed. CDD 907.2

ALISSON CLEBIO DE ARAUJO PEREIRA

RECEITAS CULINÁRIAS: VOZ E LETRA NOS ESPAÇOS DA MEMÓRIA E  
DA TRADIÇÃO ORAL

Aprovado em: 11/10/2019

BANCA EXAMINADORA

Rafael José de Melo

Prof. Dr. Rafael José de Melo – UEPB

(Orientador)

Marta Lucía Nunes

Profa. Ma. Marta Lucia Nunes – UEPB

(Examinadora)

Ana Paula Lima Carneiro

Profa. Ma. Ana Paula Lima Carneiro – UEPB

(Examinadora)

## DEDICO

A meu pai, **Valdeni Pereira de França**,  
(*In Memoriam*), por acreditar que um dia  
teria um de seus amados filhos formado.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço,

a **Deus**, fonte de luz e sabedoria, que me deu a vida e a oportunidade de compartilhar acordar todos os dias com saúde e força para viver;

ao meu amigo e orientador, **Rafael José de Melo**, pelas orientações, conselhos e paciência, por me mostrar o sentido literal da vida para o qual todos almejam: a felicidade a partir do encontro consigo mesmo;

a minha amada esposa, **Adriana Serafim de Lima**, que sempre me aconselhou com a seguinte frase: “o futuro do pobre está nos estudos” e nunca desistiu de mim, apoiando-me com carinho;

aos meus filhos que tanto amo, **Ana Raquel** e **Miguel Serafim**, e o filho que abracei desde pequeno como “parte de meu coração”, **Adriel Serafim**;

a minha mãe, **Benedita Valda de Araujo Pereira**, mesmo sem entender o que é ser uma pessoa formada na universidade, dizia: “todo estudo é bom” e que eu era motivo de referência na família, por ser pai, esposo, dono do lar e cuidador das crianças e, mesmo assim, encontrava tempo para estudar;

aos meus **amigos do curso de Letras**, que sempre me fizeram sorrir com as trapalhadas reuniões;

a **UEPB, Campus IV**, por ter atendido às minhas solicitações, nas questões referentes à um licenciando, e possibilitar que eu desenvolvesse o meu potencial como um profissional apto a atuar na sociedade.

*É a voz e o gesto que propiciam uma verdade: são eles que persuadem. As frases sucessivas que são lançadas pela voz, e que parecem unidas somente por sua conexão, entram progressivamente no fio de escuta, em relações mútuas de coesão. A coerência última conseguida pela obra é um dom do corpo.*

(ZUMTHOR).

## RESUMO

Os cadernos manuscritos que registram receitas culinárias, apreendidas a partir da tradição oral, apresentam traços linguísticos importantes, revelados a partir da voz e da oralidade conduzidas pela memória. A voz funciona como um mecanismo de transporte carregado por elementos linguísticos. Neste percurso, as receitas são reespecializadas e “reescritas” de acordo com as tradições. Através dos utensílios culinários, ingredientes e descrição dos modos de fazer receitas, verifica-se a presença da voz e suas adaptações conforme a cultura e as tradições que fazem parte de seu sistema simbólico. Tudo está entrecruzado nas práticas culinárias circunscritas na Letra e na Voz. Nesta perspectiva, despertou-se a necessidade de averiguar na região de Catolé do Rocha, Sertão Paraibano, a existência de receitas culinárias em cadernos manuscritos de senhoras moradoras na cidade, com o fito de analisar rastros linguísticos que apontassem a presença da voz, da oralidade, da memória e da tradição. Primeiramente, foi realizada uma leitura bibliográfica tendo como pressupostos teóricos, Halbwachs (2006), Ong (1998) e Zumthor (1993, 1997, 2005, 2010), dentre outros. Em seguida, realizou-se uma pesquisa de campo, localizando-se quatro senhoras, cada qual com um caderno. Dentre estes, analisou-se sete receitas culinárias, duas doces e cinco salgadas. Os cadernos manuscritos revelam as vozes que perpassam através do tempo e que ainda permanecem na cultura da nossa região.

**Palavras-chave:** Letra. Receita culinária. Memória. Oralidade. Voz.



## RESUMEN

Los cuadernos manuscritos que registran recetas culinarias, aprehendidas a partir de la tradición oral, presentan rasgos lingüísticos importantes, revelados a partir de la voz y la oralidad conducidas por la memoria. La voz funciona como un mecanismo de transporte cargado por elementos lingüísticos. En este recorrido, los ingresos son reespaciados y "reescritos" de acuerdo con las tradiciones. A través de los utensilios culinarios, ingredientes y descripción de los modos de hacer recetas, se verifica la presencia de la voz y sus readaptaciones conforme la cultura y las tradiciones que forman parte de su sistema simbólico. Todo está entrecruzado en las prácticas culinarias circunscritas en la Letra y en la Voz. En esta perspectiva, se despertó la necesidad de averiguar en la región de Catolé do Rocha, Sertão Paraibano, la existencia de recetas culinarias en cuadernos manuscritos de señoras moradoras en la ciudad, con el fin de analizar rastros lingüísticos que apuntar la presencia de la voz, de la oralidad de la memoria y de la tradición. En primer lugar, se realizó una lectura bibliográfica teniendo como presupuestos teóricos, Halbwachs (2006), Ong (1998) y Zumthor (1993, 1997, 2005, 2010), entre otros. A continuación, se realizó una investigación de campo, ubicándose cuatro señoras, cada una con un cuaderno. Entre ellos, se analizaron siete recetas culinarias, dos dulces y cinco saladas. En el caso de que se produzca un cambio en la calidad de la información, se debe tener en cuenta que, Los cuadernos manuscritos revelan las voces que atraviesan a través del tiempo y que aún permanecen en la cultura de nuestra región.

.

**Palabras clave:** Letra. Receta culinaria. La memoria. Oralidad. Voz.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Bolo delicioso .....	18
Figura 02 – Frango molho falso.....	19
Figura 03 – Sonhos de batatas .....	22
Figura 04 – Croquete de frango.....	23
Figura 05 – Rosca e fraguete .....	25
Figura 06 – Panetone salgado .....	27
Figura 07 – Bolo amarelinho .....	30

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. VOZ E LETRA: LUGARES DE VOCALIDADE E DE ORALIDADE.....</b>	<b>14</b>
<b>2. A VOZ NA LETRA: RECEITAS E TRADIÇÕES.....</b>	<b>18</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu do interesse em analisar receitas culinárias, pois existem poucos trabalhos realizados sobre a temática, bem como devido à importância de verificar a presença da voz em manuscritos que foram feitos por senhoras da região de Catolé do Rocha – PB.

Tendo como base o material já existente, que são as receitas culinárias coletadas, a pesquisa bibliográfica guiou-se pelas teorias de Bosi (1994), Halbwachs (2006), Ong (1998), Zumthor (1993; 1997; 2005; 2010;) e outros autores da linha de pesquisa da oralidade, da tradição e da memória, elementos estes que funcionam como aparatos simbólicos da linguagem e dos costumes de um povo.

Nas receitas que compõem o *corpus* da análise, encontra-se um valor simbólico nos utensílios utilizados que marcam as tradições orais, podendo-se entender, a partir dos modelos de vida e das normas estabelecidas pela sociedade, que essas tradições estão enraizadas na memória e nas culturas.

A voz está presente na estrutura das receitas, revelando memória, tradição e oralidade, entrelaçadas nas letras. Para Zumthor (1997, p. 11), “a voz é uma *coisa*: descrevem-se suas qualidades materiais, o tom, o timbre, o alcance, altura, o registro [...], e cada uma delas o costume liga um valor simbólico”. As receitas dos cadernos manuscritos aqui debatidos guardam registros das autoras que estão preservados até o presente momento de modo que a tradição se perpetue e, de uma forma ou de outra, se readapte em outros espaços.

Assim, é imprescindível a necessidade de mostrar que nos cadernos culinários existe a presença da oralidade e da vocalidade, e que a escrita e a reescrita revelam a circularidade da voz, os costumes, a história e o tempo presentes nestes registros e tradições repassadas às novas gerações de uma família, o que lhes dar um caráter de estarem e ainda continuarem vivos.

Nos cadernos de receitas que compõem o *corpus* desta pesquisa estão presentes as vozes dos sujeitos que estão submersos numa cultura oral, que aprenderam as receitas, as quais guardam as marcas e as memórias de uma época e de um espaço, o da cozinha, onde se aprendia o fazer culinário vendo o outro fazer e repetindo da mesma forma, isto é, no e pelo corpo, em performance. Existem, portanto, nas receitas culinárias, signos que ativam as lembranças dos sujeitos que as escreveram.

Trata-se, também, de uma pesquisa de campo. Para tanto, estabeleceu-se um diálogo, através de conversas com moradores, familiares, colegas de faculdade e professores, que indicaram o nome e endereço de quatro senhoras que possuíam cadernos culinários manuscritos. A partir do levantamento destas informações, foram feitas visitas, iniciando, portanto, um vínculo de amizade. Na sequência, foram expostos os objetivos e a importância da pesquisa. Todas as colaboradoras se dispuseram a participar da pesquisa cedendo seus cadernos para que fosse feito o estudo a que se propunha este trabalho. Cada senhora emprestou um caderno, representado na análise das receitas na ordem de “A” até a letra “D”.

Entre os quatro cadernos, foram selecionadas para pesquisa sete receitas culinárias, onde, por meio de uma leitura minuciosa e atenta, foi possível constatar uma maior predominância das marcas da tradição, oralidade, voz e memória para o desenvolvimento desta análise. No caderno de receita “A”, uma receita doce (“Bolo delicioso”); No caderno de receita “B”, três receitas salgadas (“Frango molho falso”, “Sonhos de batatas” e “Crokete de frango”); No caderno de receita “C”, duas receitas salgadas (“Rosca e fraguete” e “Panetone salgado”), e no caderno de receita “D”, uma receita doce (“Bolo amarelinho”).

O caderno de receita “A” possui nomes de pessoas, como se fosse um registro, ou uma agenda com uma lista de nomes, sendo datado o ano de mil novecentos e setenta e quatro.

O caderno de receita “B” apresenta marcas de sinais do tempo, como manchas escuras nas folhas, algumas deles soltas e outras se desintegrando, faltando a capa do caderno para que possa preservá-lo, visto haver muitas receitas escritas à lápis grafite.

O caderno de receita “C” tem algumas folhas soltas e outras rasgadas. O caderno se encontra num estado frágil. A escrita é feita com lápis grafite e caneta esferográfica azul.

O caderno da receita “D” se encontra razoavelmente preservado, possuindo capa que conservam suas folhas. No entanto, estas estão ficando escuras nas laterais devido a capa não as cobrir por inteiro. A escrita do referido caderno é toda feita de caneta esferográfica azul.

Os cadernos de receitas “B”, “C” e “D” não possuem qualquer dado que permitisse identificar o ano em que foram escritas as receitas pelas donas dos manuscritos.

## 1. VOZ E LETRA: LUGARES DE VOCALIDADE E DE ORALIDADE

Na construção do processo de identidade cultural, a voz não tem um lugar fixo, ela transita pelo tempo, levando consigo, no seu “trancelim”, os fragmentos de uma época, das culturas, dos sentimentos e das memórias das pessoas. Zumthor (1997) afirma que a voz não existe só por existir, ela se faz presente sem ser percebida:

a voz ultrapassa a palavra. [...] A voz se diz enquanto diz; em si ela é pura exigência. Seu uso oferece um prazer, alegria de emanção que, sem cessar, a voz aspira a reatualizar no fluxo linguístico que ela manifesta e que, por sua vez, a parasita. (ZUMTHOR, 1997, p. 13)

Note-se que a voz carrega a palavra e não o inverso. Ela é autônoma e tem existência nas emanações da cultura viva, habitando no antes, no agora e no depois porque faz parte do fluxo que perpassa a memória e as tradições: é um “ser” latente. A voz, portanto, está circunscrita em um nomadismo:

Em um universo de oralidade, o homem, diretamente ligado aos ciclos naturais, interioriza, sem conceituá-la, sua experiência da história; ele concebe o tempo segundo esquemas circulares, e o espaço (a despeito de seu enraizamento), como a dimensão de um nomadismo; as normas coletivas regem imperiosamente os seus comportamentos. Em compensação, o uso da escrita implica uma disjunção entre o pensamento e a ação, um nominalismo natural ligado ao enfraquecimento da linguagem como tal, a predominância de uma concepção linear do tempo e cumulativa do espaço, o individualismo, o racionalismo, a burocracia. (ZUMTHOR, 1997, p. 36)

O homem, “dono” de seu discurso, desde a sua infância interioriza a sua oralidade que o descreve com o passar do tempo e o remete para conceber a ação de (re)espacializar saberes de sua trajetória a partir de sua própria vida, fazendo da sua voz o objeto circular de culturas, tornando, assim, nômade a sua própria oralidade.

Assim como o vento percorre o mundo sem que algo possa pará-lo, a voz tem a mesma capacidade de se espriar nos espaços e tempos entre as culturas. Nas

palavras de Zumthor (1997, p. 14), “a voz é palavra sem palavras, depurada, fio vocal que fragilmente nos liga ao único”. Esse é um dos objetivos da humanidade, fazer com que a cultura não morra e, para que isso seja possível, o homem utiliza-se da oralidade para perpetuar seus conhecimentos através dos tempos. A voz é a referência do som, algo dito que, se não tiver escrito, fica no vazio, sem que percebamos sua vitalidade. Conforme ONG (1998, p. 42):

Sem a escrita, as palavras em si não possuem uma presença visual, mesmo que os objetos que elas representam sejam visuais. Elas são sons. Poder-se-ia “evocá-las” – “reevocá-las”. Porém não estão em lugar algum onde poderiam ser “procuradas”. Não têm sede, nem rastro (uma metáfora visual, que mostra a subordinação à escrita), nem mesmo uma trajetória. São ocorrências, eventos.

Assim sendo, para que a voz seja reconhecida é necessário um registro para atestar sua existência. No caso específico desta pesquisa, a escrita dos cadernos culinários representando manuscritos-escrituras, os quais planam nas letras, registram as performances das cozinheiras, as marcas da oralidade, a presença da tradição e a força da voz no espaço em que essas senhoras fazem parte.

Nas receitas culinárias existem uma certa alusão aos sabores que lembram a infância, e temperos caseiros que fazem parte da prática da tradição familiar, passada a cada geração, contendo segredos que só cabem às suas autoras revelar durante o fazer da performance. Em outras palavras, os “pulos do gato” das receitas que delineiam uma tradição onde a voz é o pivô do conhecimento compartilhado.

Na verdade, esta prática oral de ensinar e aprender receitas, pela performance do ver o outro fazer, tão comum em gerações passadas, não está em declínio. Contudo, deve-se haver é uma valorização daquilo que faz parte de uma memória coletiva, como a prática artesanal do fazer com as mãos que engloba todo um ritual de preparo da comida, representando um simbolismo perpetuado em forma de legado de uma geração para outra.

No que toca a oralidade, Ong (1998) assevera a existência de dois tipos distintos: a “primária” que consiste numa forma de tradição oral intocada pela cultura do letramento, e a “secundária” que surgiu com o advento da escrita e que depende da tecnologia para ser sustentada, através do uso do telefone, do rádio, da televisão e de outros dispositivos eletrônicos “cuja existência e funcionamento dependem da escrita e da impressão” (ONG, 1998, p. 19). Para esse autor, não existe oralidade



“primária” nos tempos atuais, pois todas as culturas, de certo modo, conhecem, sofrem influência ou têm contato com a cultura escrita.

Os textos escritos fazem parte de uma cultura que carrega várias vozes que se encontram atreladas a outros textos orais e escritos. Neles, encontram-se registradas práticas sociais que circulam por meio da voz e que estão ligadas a um vínculo afetivo próprio de vivência entre as pessoas, e destas para com o objeto simbólico, como é o caso dos manuscritos e das relações do aprender e do ensinar via voz e oralidade na cozinha: o aprender vendo e fazendo.

A circularidade da voz é marcada pela recorrência de uma mesma receita preparada com acréscimos ou não de ingredientes ou utensílios a serem usados na iguaria. Conforme as ideias defendidas por Melo (2014), estas vozes revelam o conhecimento coletivo de sabores e saberes de uma comunidade e estão carregadas de todo um significado simbólico sustentado através da linguagem, da memória e da tradição. O que se percebe ao longo dos tempos é uma reescrita, reorganização, reprodução e readaptação das receitas aos costumes, atreladas às suas lembranças, gostos, heranças culturais, entre outros aspectos. Para que isto ocorra, é necessário que haja uma relação de cumplicidade entre memória individual e memória coletiva, de modo que, cada um, a partir do que recordam, plantem no interior de seu grupo social conhecimentos vivenciados na prática para que não desapareçam com o passar dos anos.

O conhecimento não pode ser estanque, preso a uma memória individual, ele precisa estar em movimento através das memórias coletivas. Nessa diretriz, Halbwachs (2006, p. 69) afirma: “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Assim, entende-se que o sujeito não detém a propriedade de uma lembrança, ele a capturou de outros, através de um processo de rememoração:

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

A memória busca guardar os elementos essenciais para que seja retransmitida, mais à frente, para um novo público. Neste sentido, a lembrança

passa a ser uma espécie de arquivamento memorial revelado quando algo acontece ou quando existem elementos que ativam a memória.

Segundo Zumthor (1993), a voz se move e sofre modificações em seu percurso. Deste modo, compreende-se que as receitas culinárias chegaram até as autoras dos cadernos através da voz e foram (re)transmitidas por meio de memórias coletivas, circulantes em seu meio social, sobreviventes no tempo, recorrentes em sua época. Devido este processo, é comum haver nas receitas culinárias, a tradição de preparar a comida com ingredientes da terra, sendo aceitável a substituição ou incrementação de novos ingredientes para a execução do prato, bem como a utilização de utensílios que trazem consigo as marcas das tradições no tempo e no espaço, de modo que seja possível fazê-las, recriá-las ou modificá-las conforme a performance e o gosto de quem detém a mão de cozinhar. Melo (2014, p. 29), mostra que “A performance que envolve a força das palavras encontra ênfase no meio em que esta é produzida, no oral (re)transmitido e no gestual que provoca uma reiterabilidade e um reconhecimento de formas”.

A voz é um elemento identitário do indivíduo pertencente a uma comunidade circunscrita num espaço e cultura que busca alcançar, através das nuances da língua, a contextualidade, a interação do homem. Zumthor (1997, p. 63) argumenta que esses dois mecanismos entram em batalha e ganham forma para a textualização na atualidade, ou seja, um indivíduo carrega, naturalmente sua linguagem própria, seu meio social e suas tradições, e o sujeito inserido noutra comunidade distinta da sua, (re)especializa, podendo adaptar e/ou aprimorar seus conhecimentos para ganhar novos sentidos em seu novo meio.

No texto oral, uma ferramenta primordial para o mecanismo da oralidade ganhar vida é a performance, visto que as palavras adquirem sentido juntamente a movimentos corporais, gestos físicos e sonoros como a entonação da voz, os movimentos de braços e mãos, direção do olhar, balançar da cabeça, etc. Para Zumthor (2010,), um lugar concreto, topograficamente definível, em que a palavra, desdobrando-se, capta um tempo tão fugaz, que ela confia a esse próprio espaço a tarefa de ordenar o discurso.

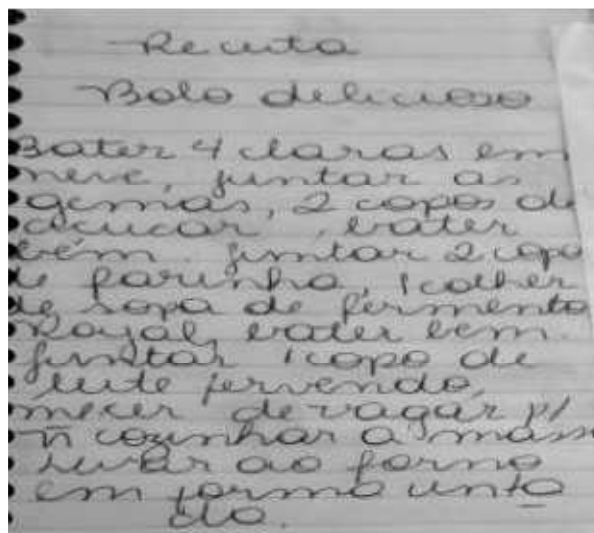
## 2. A VOZ NA LETRA: RECEITAS E TRADIÇÕES

Os cadernos de receitas, no âmbito geral, guardam elementos que estruturam as marcas da oralidade, perpetuando-se através da voz e permanecendo na nossa memória por um certo tempo ou por todo um sempre, como é a função das receitas escritas, que servem como um guia para ativar a memória de suas autoras para que exerçam a função da cozinha, o ato de cozinhar, com predominância.

Para Zumthor (2010), essa ativação da memória estabelece uma relação com a performance e quando ambas estão ligadas, num ciclo natural e único, faz todo um movimento corporal e individual de cada dona do caderno, sendo uma espécie de fazer se movimentando, considerando que não há performance sem ação memorial.

No primeiro momento, foi apresentado um recorte de uma receita culinária do caderno “A”, que mostra evidências de que o texto escrito deixa de ser apenas rascunhos e passa a ser reconhecido através do olhar do pesquisador, bem como dos leitores, sobre os elementos da voz e da oralidade na receita culinária.

Figura 01: “Bolo delicioso”, caderno “A”



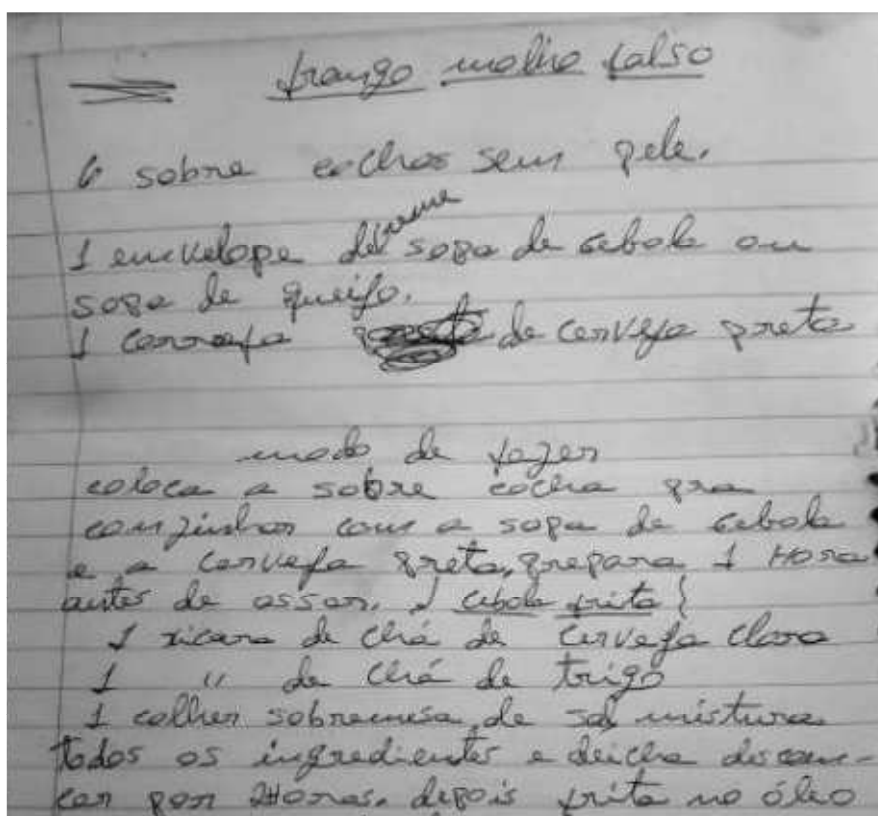
Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “A”

Como é possível observar, a oralidade se faz presente na receita da Figura 01 à medida que a autora recorre ao uso de abreviações e de uma escrita contínua, características comuns de quem escreve a partir de instruções passadas de forma oral ou de quem está registrando no caderno aquilo que lhe foi transmitido ou ensinado, para que não seja esquecido em sua memória.

O rito da cozinha requer agilidade e desenvoltura no preparo da comida, por isso a autora do caderno cria critérios próprios na forma de escrever e de registrar a receita, sem fazer uso da estrutura padrão do gênero textual. A estrutura dessa receita não está separada pelas partes de ingredientes e modo de fazer, nem explica quais são os utensílios domésticos a serem utilizados no modo de fazer, como por exemplo “bater os ovos” (com quê?) Batedeira, garfo, fuê? - do francês fouet. Essas duas instâncias, ingredientes e modo de fazer, são apresentadas em um mesmo momento. Tudo está disposto de modo direto e sucinto, sugerindo a sequência do modo de falar de quem repassa uma receita a uma pessoa oralmente.

A receita que será analisada logo abaixo mostra o uso de abreviações nas palavras, a voz durante o percurso escrito e as alterações nas letras das palavras devido a sonorização da voz e ao hábito da dona do caderno de escrever do mesmo jeito que se ouve.

Figura 02: “Frango molho falso”, caderno “B”



Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “B”

Nesta receita há uma linguagem clara, com traços da linguagem oral, a exemplo de “cocha”, “pra”, “deicha” e “descançar”. Segundo considerações de

Bagno (2004, p. 91), “existe uma força muito ativa na língua que se chama assimilação. Quando encontra dois sons que têm alguma ‘coisa’ parecida, semelhante, ela faz de tudo para que eles se juntem, se fundam num só”. Para Bagno (2004), esse fenômeno é tão vivo e atuante na língua falada que tem consequências interessantes na língua escrita, como é o caso da troca de “Caranguejo” por “carangueijo” e de “bandeja” por “bandeija”.

Observa-se, também, o uso da palavra “sobre cocha” escrita de forma separada “sobre” e “cocha”. Isto acontece devido a influência da fonética na escrita quando os sons tornam-se semelhantes. Diante do som verbalizado, a autora escreve como ela ouve o som pronunciado, conforme seus conhecimentos sobre a escrita, característica espontânea da fala. A oralidade, para Zumthor:

não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como uma lacuna [...], toda oralidade nos aparece mais ou menos como sobrevivência, reemergência de um antes, de um início, de uma origem. (ZUMTHOR, 1997, p. 27)

Conforme esse estudioso da voz, a maneira de escrita presente nesta receita culinária não classifica a dona do caderno como desprovida de conhecimento alfabético. Sua escrita dar-se, sim, por questões sociais, de tradição, idade e outros fatores e passa despercebida pela autora no momento em que a receita está sendo escrita, com sons da oralidade e registro de acordo como se ouve.

A organização da escrita presente no caderno de receita da dona/proprietária não segue as regras convencionais do gênero receita, pois as quantidades de ingredientes definidos, por exemplo, em xícara e colher, estão informados no modo de fazer na segunda parte da receita, contrariando a forma tradicional ao qual deveria estar composta nos ingredientes. Também não apresenta quais os utensílios são utilizados no preparo, a temperatura, o tempo de fritura, informações não reveladas pela dona do caderno, mas que fazem parte de seu modo de fazer o prato, em outras palavras, informações que constituem o “pulo do gato” da receita.

Para a dona do caderno “B”, as instruções registradas no caderno funcionam como fio para o não esquecimento. A performance são gestos individuais, algumas escolhas sobre o modo de fazer é de uso elementar próprio e constituem segredos que marcam a sua identidade. Para Zumthor (1997, p. 20), “memória e esquecimento são instrumentos conjuntos e indissociáveis de toda ação, pondo em

obra um ou outro dos valores assim designados”. Tudo indica que as informações dispostas na escrita dessa receita funcionam como algo para ativar a memória, isto é, a receita é a parte concreta que interliga a memória ao esquecimento.

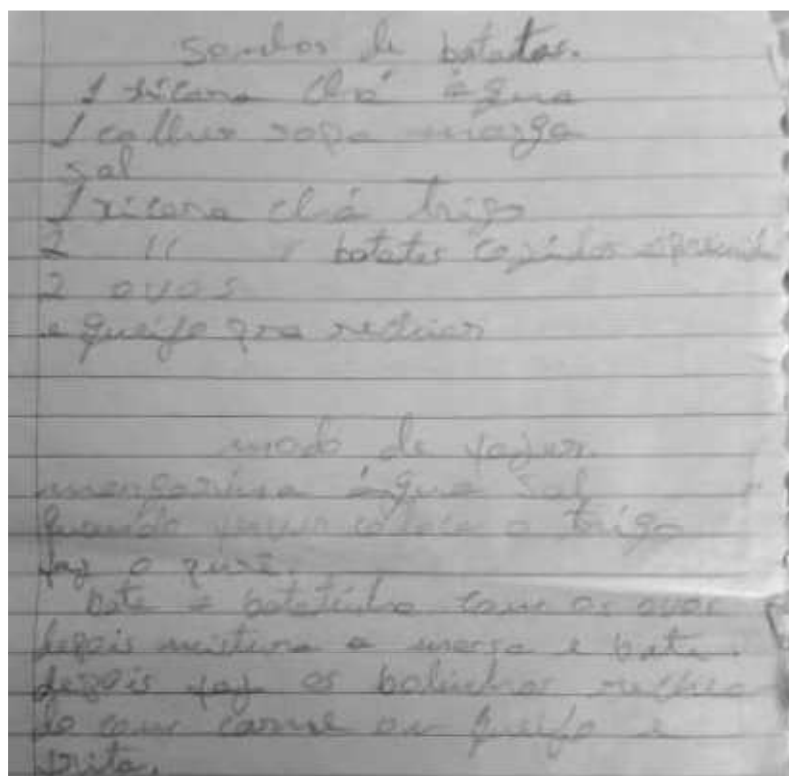
Ainda, existem os elementos que carregam as marcas da oralidade no caderno culinário. Conforme regras de uma receita culinária, devemos, de antemão, seguir os passos de acordo com o que está escrito nela, como por exemplo, “primeiro corta o frango, tempera com ingredientes “X”, etc. Contudo, a autora da receita analisada “pula” partes do processo e deixa de escrever todos os ingredientes na grade de substâncias a serem utilizadas. Ela faz, deste modo, uma espécie de (re)lembranças no modo de fazer, conduz o fio da lembrança e adiciona ingredientes que não foram descritos na receita. Isso, também, faz parte dos segredos que toda cozinha tem, o chamado “pulo do gato”.

A cozinha é um laboratório. Cozinhar é uma alquimia. Como vê-se, na descrição da receita da Figura 02, “1 cebola frita”, “1 xícara de chá de trigo” e “óleo”, há informações e elementos que não estão na parte dos ingredientes. A palavra “cozinhar”, no primeiro parágrafo do modo de fazer, representa uma marca da oralidade devido o enunciar da palavra com acréscimos de letras, pois este elemento é comum, para quem escreve, gravar nos cadernos culinários do mesmo jeito que se ouve. Na perspectiva de Marcos Bagno (2004), isto ocorre porque o português não padrão, caracterizado por uma forte tradição oral, possui uma lógica de funcionamento que segue as tendências naturais da língua, com regras apreendidas pelo falante no convívio com a família e com as pessoas da mesma classe social.

A escrita possui as marcas da tradição oral, uma história e um tempo cronológico. Este último, confundido ao longo da receita no modo de fazer, na utilização dos verbos que são os segmentos para a realização da receita, ao passo em que escreve “coloca”, “prepara”, “mistura” e “frita”, no tempo presente, indica uma ação praticada no processo interacional do “ouvir” e do “fazer”.

A figura seguinte apresenta uma complexidade para assimilar a condução da oralidade através do texto construído e finalizado a partir da voz com elementos estruturais do gênero receita .

Figura 03: “Sonhos de batatas”, caderno “B”



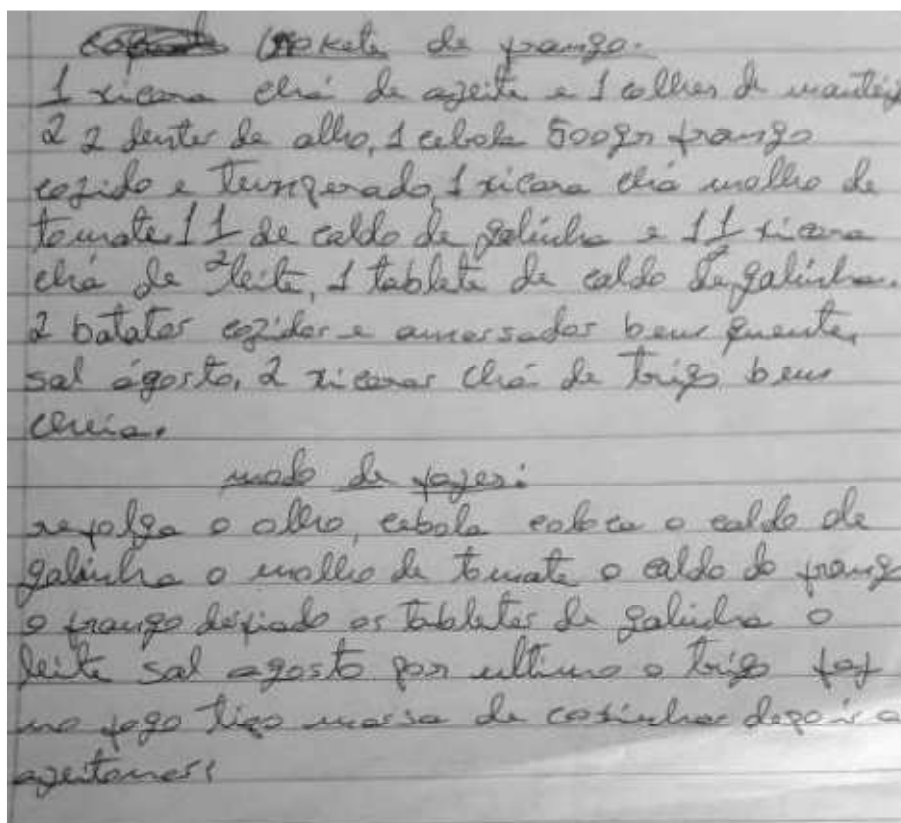
Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “B”

A vocalidade, segundo Zumthor (1993, p. 21), “é a historicidade de uma voz”. O manuscrito apresentado traz a tradição dos modelos de receitas culinárias escritas. Neste sentido, embora a autora dele não tenha posto explicitamente os ingredientes, ela os organiza conforme a tradição a qual pertence o gênero. Como um gênero tipicamente pertencente à escrita, observa-se que há indícios das marcas da oralidade disputando o mesmo espaço, a exemplos da falta de pontuação e de letras maiúsculas. Entretanto, a maneira das ações a serem seguidas na feitura do prato ressoa o fazer culinário a partir de uma performance.

A oralidade está presente nessa escrita, que nos mostra pequenos elementos da fase da voz em sua passagem pela estrutura da receita culinária. Mas, devido essa escritura fazer um distanciamento da voz, extraímos os elementos mais importantes possíveis, como visto no parágrafo anterior.

A receita abaixo analisada revela os traços da voz e forma de escrita em texto corrido. Também, é exposto os aspectos constitutivos que fazem parte do linear dessa pesquisa.

Figura 04: “Crokete de frango”, caderno “B”



Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “B”

Segundo Zumthor (1993, p. 13), a voz é o “verbo encarnado na escritura”. Para ele, o manuscrito é a última instância da voz. Assim, a oralidade, com todas as suas variações, está presente na escrita, e o leitor/intérprete é o responsável pela materialização sonora da voz, dando vida ao texto por meio da performance.

A ideia de texto formado a partir da oralidade parte além do princípio de uma simples escritura. Por esse caminho, Machado afirma que:

O texto oral, concebido como voz cultural, é ato de palavra citada, em que a voz poética é sobretudo memória. [...] A performance oral efetiva aquilo que o poeta viu e ouviu, rememora e improvisa com sua voz, com seu corpo, com sua memória. O poema projeta uma espécie de memória vocalizada, graças à qual a palavra se torna criação, não de um indivíduo, mas de uma tradição sustentada pelo trânsito da voz. (MACHADO, 1993, p. 3)

O modo de fazer as comidas descritas nas receitas culinárias guarda marcas da tradição, da cultura e da voz que circula, encerradas nos registros escritos da



autora do caderno-memória que plasma os saberes de uma tradição familiar e, às vezes, comunitária. Quando não deixou bem claro o passo a passo da elaboração da feitura da comida, tudo indica que são nesses interstícios do revelar e do ocultar que residem a arte da transformação culinária daquela cozinha, ou seja, da performance da cozinheira que faz a diferença no ponto certo, sabor e no visual de apresentação do prato. Por essa direção, se pode afirmar que o caderno-memória culinária, manuscrito, é de uso pessoal e se constitui numa “reliquia” para quem o escreveu porque guarda as memórias e é capaz de ativar lembranças de tempos em que a cozinha e a comida se constituíam espaços de vivências familiares e comunitárias.

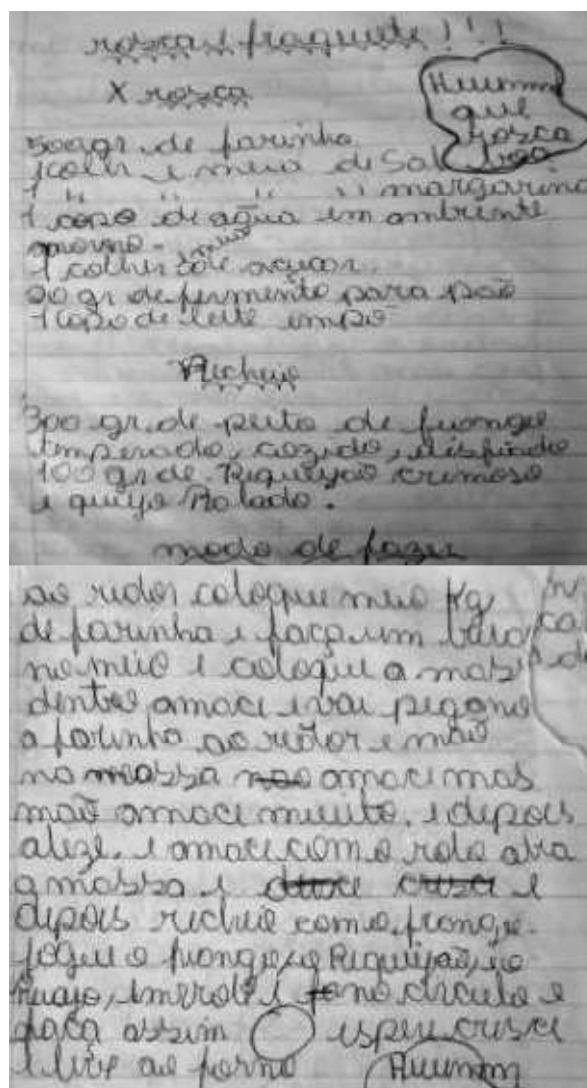
Essa receita pode guardar o que se chama de segredos de cozinha. A escritora detém o saber de cozinhar esse “croquete de frango”, mas, se outra pessoa for fazer da mesma maneira que a autora fez, é possível que o produto final não fique da mesma forma, porque a receita é uma marca de individualidade da autora, de uso particular e que só ela saberá o ponto da massa e do cozimento.

Além disso, existem outros segredos que não foram expostos: o tempo de cozimento da massa, como desfiar o frango, se é na mão, garfo ou batedeira ou algo similar, itens fundamentais para o sucesso da receita. Todos juntos constituem o “pulo do gato” da cozinheira.

Observa-se, ainda, que no título da receita houve a troca do dígrafo “qu” pela letra “k”. Isso demonstra a presença da oralidade na escrita. Fato que deve ter ocorrido devido à decorrência da semelhança sonora, podendo ser algo peculiar para a dona do caderno e, um ato cotidiano de escrever do mesmo jeito que se ouve, o que pode ser compreendido dessa forma porque há uma sobreposição das letras: “croquete” por “crokete”.

Em seguida, apresentamos a análise de uma receita culinária que mostrará os aspectos da tradição oral, os elementos circulares da voz, bem como o movimento corporal. Faz presente na análise abaixo, palavras do cotidiano da autora que estão escritas na receita. Os utensílios domésticos revelam heranças de outras nacionalidades que chegaram para nossa cultura através do movimento da voz e da inserção de novas ferramentas para o manuseio culinário.

Figura 05: “Rosca e fraguete”, caderno “C”



Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “C”

Na Figura 05, tem-se a estrutura do gênero receita: ingredientes, recheio e modo de fazer, e há uma informação adicional à receita, escrita em um balão de fala com a seguinte frase: “Huumm que rosca boa”. Trata-se de uma apreciação feita pela escritora-cozinheira, uma demonstração de que o sabor da iguaria, se feito da forma como ela descreve na receita, se torna algo irresistível e apetitoso. As marcas da oralidade podem ser vistas a partir das expressões “buraco no meio”, “pegano”, “alize” e à repetição da conjunção “e” que é muito utilizada na fala em situações informais.

Percebe-se o uso da voz na escrita quando a dona do caderno escreve “meio quilo” por extenso no modo de fazer, e não na forma fracionada. Observe-se ainda, “mão na massa” e “amace mas não amace muito”.

A autora da receita descreve um utensílio doméstico que guarda a tradição de alongar a massa com um “rolo” de madeira. Em outros termos, é a voz se fazendo presente ao circular da cultura europeia para o Brasil. Originário das tradições italianas, por ser considerado um país que trabalha bastante com massas, esse utensílio doméstico chegou na cozinha brasileira durante a imigração destes povos, e faz parte na cozinha da dona do caderno “C”, como um dos utensílios fundamentais dessa receita.

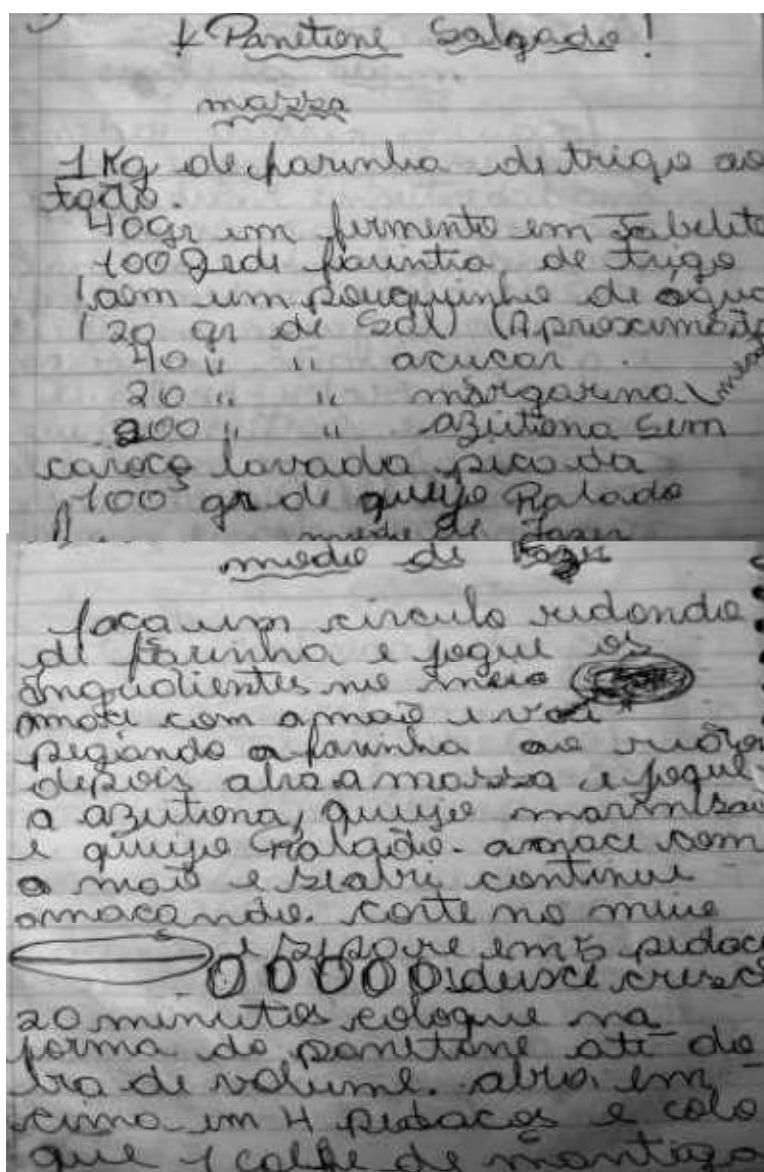
O uso de utensílios domésticos na cozinha mostra o poder da tradição através do exercício da memória. Houve, a partir da produção do prato, a necessidade de lembrar qual utensílio deveria ser utilizado, sendo este, fruto de uma tradição europeia. Deste modo, resta claro que mesmo com o apogeu da sociedade industrial, as marcas do passado não deixaram de existir, como a representação do rolo de abrir a massa, que não foi substituída por um utensílio inovador.

Para Zumthor (2005, p. 53), “a voz é nômade, enquanto que a escrita é fixa”. Contudo, nos manuscritos, voz e letra se fundem. Neles se encontram registros de tradições, culturas, variações ortográficas e diatópicas, traços da linguagem oral, sabores, emoções, movimento etc.

De acordo com Zumthor (2005, p. 14), o nomadismo da voz traz “o sentimento de que o lugar em que estou é sempre outra parte”. Isso acontece devido a voz ser um elemento dinâmico, vagante e instável, responsável pela circularidade da cultura, no instante em que o presente é elemento do passado e permite reviver pelo presente da performance, a partir da voz, esse fenômeno natural da vida.

A receita do “Panetone salgado” do caderno “C” é escrita de caneta esferográfica de cor azul. Ela contém elementos da oralidade a partir de sua escrita, traços da tradição no prato desejado pela autora e marcas da ativação da memória a partir de desenhos na estrutura da receita.

Figura 06: “Panetone salgado”, caderno “C”



Fonte: Imagem capturada pelo pesquisador em 2019, caderno de receita “C”

A receita do “Panetone salgado” possui uma estrutura tradicional para o gênero textual. Ela representa um prato de tradição da cultura italiana, o qual chegou ao Brasil e se espalhou no Nordeste com a colonização por volta do século XX. A partir daí, houve uma mistura-adaptação da cultura italiana na cozinha brasileira. Na verdade, trata-se de um “modelo” de pão que ao longo dos tempos e espaços tem incorporado as performances das cozinhas locais, isto é, uma receita que circula de um lugar para o outro, no tempo e no espaço.

A culinária brasileira possui uma heterogeneidade de receitas que circulam em seu meio, introduzidas com o surgimento tanto da colonização quanto da imigração de diferentes povos que, ao se instalarem em outros lugares, deixam as marcas de seus costumes e tradições culinárias. A voz circula através desse processo de relações culturais e sociais, o que se denomina de nomadismo das vozes.

A presença da oralidade mostra-se por meio de redundâncias no manuscrito da Figura 06, quando a autora escreve “círculo redondo”. Isso acontece, porque na fala não há tanta preocupação em seguir as palavras conforme a norma, uma vez que se trata da língua viva em pleno funcionamento e uso pelos sujeitos/falantes. Esse vício de linguagem é bem comum na oralidade, pois, muitas vezes, passa despercebido em conversações livres e espontâneas.

Os desenhos indicando como a massa deve ser disposta na receita mostram que a autora incrementa a receita com ilustrações para que não haja erro para quem for fazê-la.

Halbwachs (1956), apud Bosi (1994), afirma que o pensamento precisa de algo para ser ativado, e esse processo ocorre a partir da mnêmica, de meios que o indivíduo possa lembrar os caminhos ou passos a serem efetuados com sucesso. Esse reconhecimento pode ser por figuras, imagens, pessoas ou pela voz, para que a memória lembre.

É possível inferir que para a dona do manuscrito “C” que contém essa receita, foi necessário o desenho para melhorar e deixar claro os passos e manejo com a massa, ou talvez para que não houvesse a possibilidade de esquecimento. Para Halbwachs (2006, p.13), “a lembrança é como a fronteira e o limite: ela está na interseção de muitas correntes do “pensamento coletivo””. A lembrança individual carrega fragmentos das lembranças coletivas, onde podemos aprimorar a lembrança individual sem inferir na coletiva, como fez a dona do caderno, que criou seu próprio método de produzir a receita, em especial desenhando de como ia separar a massa.

Segundo Halbwachs (2006), a rememoração de algo que desejamos, tanto no âmbito pessoal como no da vida em sociedade, está marcada em circunstâncias na qual fazemos parte desse meio. Ou seja, o caderno de receitas está inserido no meio do cotidiano de sua autora, e os desenhos, serão as condições visíveis para que ela torne a rememoração possível. Para a lembrança, é necessário, além desse sentido, realizar o aspecto funcional da memória que:

permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. BOSI (1994, p. 46 - 47)

Desta maneira, a memória é ativada a partir do momento em que o manuscrito culinário traz à tona uma performance que recheia as receitas com um toque que as diferencia de outras receitas, melhor dizendo, da forma de fazer a mesma receita por uma outra pessoa. A performance de como prepara cada prato é única. É um modo de fazer culinário perpassado pela experiência advinda, também, das várias vezes de preparo e ser daquele prato.

De acordo com Ong (1998), a memória está ativada em sujeitos com personalidades fortes, viventes, eficientes, homens ou mulheres que se destaquem e que sejam referência e perceptíveis. Pode-se, portanto, referenciar essa forma de pensar para as mulheres, donas dos cadernos culinários aqui debatidos.

O emprego do gerúndio “vai pegando” dá a ideia de que a ação está acontecendo naquele momento. Não apenas isso, mas também, e principalmente, descrever o modo de como a farinha de trigo deve ser acrescentada à mistura, aos poucos. Ainda na análise, a dona do caderno usa expressões como, “abri”, “cresce”, “dobra”, “colhe”, verbos na forma infinitiva, sem o “r” final, o que marca a presença da oralidade na receita.

Por último, a análise de uma receita que guarda uma tradição bastante familiar da cultura nordestina, o uso da colher de pau. Há marcas da oralidade na estrutura da receita, podendo-se observar que foi escrita em forma de texto.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tudo que está presente nas receitas culinárias analisadas contém a ressonância da voz que faz parte da história de um povo, o da região catoleense da Paraíba, as tradições e as vozes que chegaram de forma nômade via oralidade, a partir de elementos identitários de uma culinária adaptada pela mulher do sertão. A escrita, a estrutura da receita, a cultura e a tradição de usar os ingredientes e os utensílios da cozinha guardam a essência da voz que circula nos espaços entre os tempos. Assim, as performances do fazer culinário e as marcas das tradições e das culturas orais são os ingredientes principais que permeiam as memórias dos sujeitos nas receitas culinárias de determinadas localidades, a exemplo das que foram aqui analisadas. Essas são, na verdade, parte de cadernos-escrituras.

As escrituras servem como forma de preservação das tradições cuja voz transcende no tempo, formulando novas ideias a partir da coletividade e das memórias de um povo. No geral, na cozinha do Brasil, as influências das culturas estrangeiras foram essenciais para que a identidade culinária brasileira se formasse e se estabelecesse como uma cultura culinária identitária.

Observou-se, nas receitas analisadas, que os utensílios domésticos guardam história e tradição para as senhoras possuidoras dos cadernos nos quais as receitas trazem marcas e vozes de certos utensílios que fazem parte de outros espaços e culturas, e que alguns chegaram ao Brasil a partir das tradições orais e da circularidade da voz.

Observou-se, também, que a performance cunhada nas elaborações dos pratos faz parte da instância da memória e pode ser notada na disposição da apresentação da receita e no modo de fazer. Desta maneira, as receitas analisadas mostram que elas são escrituras que encerram em si aspectos da oralidade e da escrita nas linhas tênues conduzidas pela vocalidade, seguindo, de uma forma ou de outra, as tradições do repassar conhecimentos e saberes a partir do contato com o corpo e com as faces da voz.

Em síntese, as receitas podem conter segredos e performances que apontam para a feitura do prato que só as donas dos cadernos sabem, por guardar em suas memórias os passos e métodos que serão executados na elaboração da comida. Assim, o manuscrito culinário passa a ser um suporte pessoal e, de certa forma,



intransferível, por conter lembranças afetivas e valor simbólico para as autoras dos cadernos, ao mesmo tempo que pode ser usado por elas como um suporte da memória.

## REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística /16. ed.- São Paulo: Contexto, 2004.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2006.
- MACHADO, Irene. **Imagens da linguagem** – da oralidade viva à oralidade escrita no texto. In: Anais do Congresso da FILLM. Brasília, 1993.
- MELO, Rafael José de. **Gramática do banquete dos orixás**: Memória das vozes. Tese. João Pessoa, 2014.
- ONG, Walter J. **Oralidade e cultura escrita**: A tecnologização da palavra. Tradução Enid Abreu Dobránszky. – Campinas: Papyrus, 1998.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**. A “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Tradição e esquecimento**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Hucitec, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Escritura e nomadismo**: entrevistas e ensaios. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sonia Queiroz. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.